

DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS



Preços das assignaturas

COM ESTAMPILHA	SEM ESTAMPILHA
Por anno... 3\$800	Por anno... 3\$000
» semestre... 1\$900	» semestre... 1\$500
» trimestre... 1\$000	» trimestre... \$800

Subscreve-se e vende-se unicamente em Aveiro no escriptorio da administração, Largo de S. Gonçalo, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, franca de porte. — Os manuscritos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos. — As assignaturas serão pagas adiantadas. Folha avulso 40 rs.

Preços das publicações

Annuncios, por linha.....	15 rs.
Ditos repetidos, por linha.....	15 rs.
Correspondencias d'interesse partic., lin. 20 rs.	
Ditas d'interesse publico = gratis.	

EXTERIOR

França.—A crise financeira, continúa no mesmo estado em Paris, mas no estrangeiro vaie tomando grandes proporções.

Receberam-se noticia de importantes quebras de varias casas bancarias de Amsterdam e de Turim.

Dizem de Argel que se estão fazendo os convenientes preparativos para atacar vigorosa e decisivamente por varias partes os insurgentes, cortando-lhes a retirada.

No dia 2, ao terminar a cotisação na bolsa, ficaram os fundos pelos seguintes preços:

- 3 por cento francez, 64,55.
- 4 1/2 francez, 91,85.
- Diferido hespanhol, sem cotação.
- 3 p. cento interior hespanhol, 44 3/4.
- Caminho de ferro de Sevilha a Cadiz, 288.
- Movel francez, 872.
- Credito territorial francez, 1,120.
- Caminho de ferro de Saragoça, 460.
- Idem do norte, 348.
- Movel hespanhol, 551.
- Caminho de ferro portuguez, 280.
- Fundos turcos, 50 por cento.

Allemanha.—A «Correspondencia provincial» declara que a Prussia advertiu que a subida ao poder do conde de Mensdorff, de nenhum modo pôde alterar as boas relações entre a Prussia, e a Austria. O rei da Prussia, o imperador da Austria e o proprio Meusdorff estão intimamente convencidos da boa harmonia que deve reinar entre estas duas potencias para bem commum de toda Allemanha.

Italia.—O papa Pio IX está de perfeita saude, e tem assistido ás festividades da igreja.

Em Roma fazem-se grandes preparativos para a recepção do gran-duque herdeiro da Russia.

Resolveu-se em conselho de ministros que seria dissolvido o parlamento logo depois da approvação do convenio franco italiano e dos creditos provisórios para o anno de 1865.

A questão da venda dos caminhos de ferro será adiada para se discutir no novo parlamento que se reunirá em Florença.

INTERIOR

Aveiro, 8 de novembro

AINDA A ELEIÇÃO DE VAGOS

Não queremos dar-nos ares d'importancia, nem aceitamos o titulo de juriconsulto. Escrevemos sobre a eleição de Vagos, porque a imprensa é tribuna para todos.

O que escrevemos é o que sentimos. Outro tanto possam dizer os impugnadores da eleição do sr. Mendes Leite!

Cá vimos nas augustas columnas do «Campeão» a muito erudita refutação do nosso pobre artigo. Sentimos não poder seguir passo a passo as ponderações do nosso illustre impugnador; porque isso nos levaria longe e sem utilidade.

Afigura-se-nos, que a causa dos impugnadores da eleição de Vagos não deu um só passo, e que os nossos argumentos ficaram de pé, apesar do muito e muito bem, que escreveu o nosso contradictor.

São modos de ver as cousas. A uns parecerá, que fomos completamente derrotado, e se admirarão de nos verem ainda aqui de pé no meio das ruínas; e a outros parecerá que fizemos uma sementeira, e que viu uma importuna gallinha e a esgaravetou. Tudo se explica pelo *quod volumus facile credimus*.

Diz-se, que defendemos uma ruim causa: por tal a não temos.

A nossa causa é a da verdade e da justiça, abstrahimos de pessoas.

A nossa causa é, se está nulla a eleição de Vagos pelas faltas que se lhe tem arguido? Neste campo dos principios, é possível e até de crer, que todos estejamos de boa fé.

Com relação ao primeiro ponto da controversia, demonstrou porventura o douto articulista do «Campeão», que a lei seja clara e explicita em exigir que os cadernos do recenseamento devam conter todos os dizeres do livro do mesmo recenseamento? Não de certo. O que nos diz, é, que, segundo o § 1.º do art. 44 do Decr. de 30 de setembro de 1852, esses cadernos devem ser fielmente trasladados do livro do recenseamento.

Forte novidade! Mas os cadernos dos eleitores deixam de ser fielmente trasladados logo que não contemham todos os dizeres do livro do recenseamento?

A questão a este respeito, por mais que se diga e se declame, fica nos termos, em que a principio a pozemos: a lei não é clara e explicita a simillante respeito, e só por argumento se pôde deduzir, que os cadernos do recenseamento devam conter todos aquelles dizeres. E, se a lei não é clara e expressa em exigir essa formalidade, poderá, por falta della, pronunciar-se desassombradamente a nullidade da eleição?

Os principios dizem que não; se as conveniencias partidarias pedem outra cousa, nada temos com isso.

O sabio articulista do «Campeão» deu tractos á logica e á hermeneutica para provar, que a transcripção dos dizeres, de que tracta o art. 29 § 1.º do Decr., nos cadernos do recenseamento, é formalidade substancial do processo eleitoral: mas do seu arrazoado não se collige se não, que o nosso contradictor é habili na controversia; e a tudo acha que responder. Nós, porém, é que não achamos que acrescentar ao que escrevemos a este respeito no nosso primeiro artigo, se não a seguinte reflexão:

Supponhamos, que era mais conforme á lei, que os cadernos do recenseamento, de que tracta o art. 44 do Decr., contivessem todos os dizeres do art. 29 § 1.º: é claro, que, se esta formalidade se não cumpriu em Vagos, a falta foi da commissão do recenseamento, e não da meza da eleição; e a qual, não tendo outros cadernos de recenseamento, senão aquelles, que lhe remettera a commissão, tinha d'optar entre o não haver eleição, ou proceder a ella pelos taes cadernos. Que deveria então fazer a meza?

Recusar-se a proceder á eleição?

Quem o dirá, á vista do art. 50 do Decr.?

Se não haviam outros cadernos, senão aquelles, que continham os nomes dos eleitores e os logares e freguezias de suas residencias; e se os parochos e regedores estavam presentes á eleição para esclarecer

qualquer duvida acerca da identidade dos votantes; que duvida podia haver em que se procedesse á eleição por aquelles cadernos? E se não se sabe que alguém votasse sem estar recenseado; ou que, estando o fosse impedido de votar; com que consciencia se assevera, que a eleição foi falsificada?

Razão tinha o sr. Genuense para dizer, que as paixões são como os vidros córados; atravez dos quaes se vêem todos os objectos da sua côr.

Com relação ao segundo ponto da controversia, extasia-se o nosso contradictor diante da sabedoria, com que foi decretada a providencia das rubricas das listas, e a considera a salva-guarda da pureza da urna. Esqueceu-se, porém, de nos dizer, como se haveria, se fosse presidente da meza eleitoral, e, chegada a hora de suspender os trabalhos por ser sol posto, visse na urna quinhentas ou seiscentas listas para serem rubricadas por ambos os secretarios (porque, por via de regra, é nas assembleias mais numerosas, que succede o caso de se não concluir a votação no 1.º dia) se, neste caso, prevalecer o principio do art. 74 do Decr., segundo o qual as operações eleitoraes não podem continuar além do sol posto, ou se ha de continuar a rubrica das listas umas poucas de horas pela noite dentro? e, no caso de continuar a rubrica das listas, se esta operação se ha de fazer á luz d'archotes, ou á luz de velas de cêbo d'Hollanda?

A evasiva, de que as rubricas não hão de ser vistas, para se não devassar o segredo do escrutinio, é d'eteruas luminarias. Pois os actos eleitoraes não são publicos? o art. 51 do Decr. diz que sim: e a indole do acto eleitoral não comporta esses segredos.

Mais uma reflexão, e vamos terminar.

O nosso illustre contradictor sabe, que tanto os dizeres do artigo 28 § 1.º do decreto de 30 de setembro de 1852, como a providencia das rubricas, de que falla o art. 74 § 1.º, são innovações introduzidas pelo citado Decr.: se a 1.ª é essencial para se conhecer a identidade, ou idoneidade (como quizer) dos votantes; e a 2.ª para se manter a pureza da urna; segue-se, que antes de aquelle Decr. não havia meio para verificar a identidade ou idoneidade dos votantes, nem para manter a pureza da urna; e se uma e outra cousa é essencial para a validade da eleição, a consequencia logica é, que antes do Decr. não podiam haver eleições validas. Aceita o nosso illustre contradictor a consequencia? pôde ser; no entanto a pilula é muito grosseira para as nossas goelas; quem poder, que a engula.

Ficamos por aqui; dando a questão por terminada, para nos não applicarem o *pueri ludunt*.

E' admiravel a desfaçatez com que o sophista redactor d'esse outro jornal, se elogia a si proprio na ficticia correspondencia da capital, dizendo que os seus artigos são muito lidos, e faz muito bem em não responder-nos.

Já que não tem quem o elogie, elogia-se a si. — Não é má.

Não sabemos a accepção que elle *correspondente* dá ás palavras — muito lidos; porque as podemos tomar por — são muito lidos pelas baboseiras que encerram,

o que mesmo assim duvidamos; porque quem cenhece o *palavriado* daquelle rançoso jornal, passa com os olhos por elle como cão por vinha vindimada.

A illustrada redacção da «Gazeta de Portugal» não conhece com quem discute com argumentos tão convincentes, por que para aquelle homem, não há razão, logica, e leis; quando lhe vão d'encontro ás suas opiniões.

Nos seus artigos bem mostra a paixão que o consome. Queria propôr-se para secretario geral de Faro, mas como o seu mau fado o collocou opposicionista, e não ministerial «dos quatro costados», ataca o sr. ministro do reino, e a «Gazeta de Portugal».

Em breve a «Gazeta» conhecerá com quem está discutindo, e verá com que *gente* nos vimos no campo, que abandonaram á falta d'argumentos e sophismas, e que ainda insultam, nas suppostas *correspondencias*, que não tem ha muitos annos, e que compõem a traz da porta da typographia, copiando dos jornaes, e mettendo obra de casa, o que revolta, quem os conhece.

O «Campeão» esse fastidioso jornal, que ninguem lê, senão para se rir; como não tem o *derricho* do «Districto», voltou-se para a «Gazeta de Portugal», o melhor jornal que temos; mas n'aquella redacção ha sufficiente dignidade, para não responder, quando elle se afastar da discussão, o que não tardará muito, porque não tem habilitações para discutir, a não ser sophismando como costuma, ou fugindo da questão, calumniando sempre, usando do seu phraseado predilecto, e não apresentando argumentos que convençam, por que não nasceu para isso, e não é esse o seu caracter, que a custo quer reprimir, mas que sempre lhe escapa, por mais serio que se queira tornar.

E' o seu mau destino, que o arrasta.

Querer empregados administrativos sem serem da confiança do governo, só daquella imaginação escandecida do redactor do *jornal pasquim*.

V.

Damos hoje publicidade á representação que a direcção da Associação Commercial desta cidade fez ao governo pedindo a construcção d'um edificio para, acomodar a alfandega, e porventura outras repartições publicas, no terreno do antigo pago episcopal ultimamente incendiado.

Louvâmos a iniciativa da direcção, por ter deste modo começado a desempenhar os seus deveres, fiscalizando os interesses da classe que representa, e esperamos que a sua petição seja attendida.

A direcção da Associação Commercial destinou-se principalmente a mostrar a necessidade de dar ás repartições da alfandega maior largueza, mas é certo que era muito necessario que o novo edificio, que se construisse, tivesse commodos para outras repartições.

As reaprtições do governo civil, que actualmente estão no lyceu, quasi que inutilisam este edificio para o fim para que foi construido. Apenas ficaram disponiveis trez casas, nas quaes ha amphitheatros para aulas. Para secretaria, casa d'exames etc, não ha local. Pôde dizer-se que hoje o lyceu não é lyceu. Isto não pôde continuar.

Disse-se ali que a camara ia representar tambem neste sentido. Deve fazel-o. E' a ella que cumpre mostrar estes inconvenientes ao governo para que elle attenda ás supplicas de todos. E para isso não concorrerá pouco, se fizer o que ali tambem se disse; se se prestar a auxiliar as despezas da construcção.

SENHOR!

Ha muitos annos que as repartições da alfandega d'Aveiro estão encantoadas em um pequeno e mal reparado edificio, que junto ao caes possui o estado. Não ha ali armazem ou casa alguma para ter em deposito os generos, cujo despacho porventura se demore, e escasseem até as indispensaveis condições para que a fiscalisação dos volumes, que são submettidos a despacho, se faça convenientemente. Muitas vezes se tem procedido na rua publica á verificação do peso d'elles, pela falta de espaço necessario para armar uma balança de maior força.

Quando acontece, — o que não é raro — ser preciso arrecadar os salvados d'algum naufragio, em não pequeno embarço se vêem os respectivos consignatarios, e não é sem exemplo que, por carencia d'armazens na vizinhança da alfandega, que possam alugar-se, fiquem os mesmos salvados expostos á intemperie das estações.

Não é preciso dar relevo aos inconvenientes que das circumstancias apontadas resultam ao commercio, e não menos á acção fiscal, para que evidentemente se conheça quanto urge provê-los de remedio. Por diversas vezes já os poderes publicos, reconhecendo-os, tem pretendido augmentar as dependencias da alfandega; mas tem desanimado ante a difficuldade de o conseguir por se achar o referido edificio encravado entre o do paço episcopal, e outros de particulares de dispendiosa expropriação.

Um lamentavel sinistro veio, porém, acabar com essa difficuldade. Não é preciso lembrar o terrivel incendio que em poucas horas reduziu a um montão de cinzas o paço episcopal, onde então se achavam as repartições do governo civil. Hoje não só é facil, mas de reconhecida utilidade publica, e não de certo de avultada despesa, aproveitar o terreno, que as chammas deixaram livre, para, conjunctamente com o que occupa actualmente a alfandega, construir n'elle um edificio d'apparencia modesta mas em que possa fazer-se commodamente o expediente da alfandega, e, se fôr mister, onde poderão ainda estabelecer-se outras repartições publicas.

E' nestas circumstancias, senhor, que a Associação Commercial de Aveiro entendeu do seu dever vir respeitadamente á presença de V. M. representar a conveniencia de serem attendidas as ponderações que acaba de expôr, e mandado levantar o edificio a que se referiu. Quando por tantos meios, e com tão louvavel actividade, se procura dar incremento á riqueza publica, é licito esperar que o commercio, um dos seus principaes agentes, se desenvolva e prospere. Para isso devemos portanto aperceber-nos. E a appropriação das casas fiscaes aos fins, que as leis lhes destinam, não é um dos menos importantes assumptos a que deva attender-se.

Toda a povoação desta cidade viu com tristeza ser devorado pela voracidade das chammas um dos mais antigos edificios d'ella; e, pressurosa, acudiu, sem distincção de classes, a salvar tudo o que pertencia ás repartições que ali se achavam; e á sua dedicacão se deveu, como já foi presente a V. M., a salvacão dos cofres publicos, onde então estavam arrecadadas quantiosas sommas.

Esta Associação, recordando esta circumstancia, pede a V. M. Haja por bem acceita-la como mais uma razão para lhe ser deferida a sua supplica.

E. R. M.^{co}

Associação Commercial de Aveiro, 3 de novembro de 1864.

A direcção

Bento de Magalhães — presidente.
José Agostinho Barbosa
José Fernandes Melicio } Directores
João da S.^a Mello Guimarães }
Agostinho D. Pinheiro e Silva — secretario.

Porto 6 de novembro

(Correspondencia particular.)

Não ha novidades politicas.

A opposição continua com as suas semsaboricas accusações ao governo, accusações que o povo despreza completamente, porque adora do coração aquelles, que tão liberal e honrosamente zelam os interesses da nação.

Longe de merecerem accusações dos homens sem fé, sem crencas e sem principios, os actuaes conselheiros da corôa são dignos do louvor, que lhe dispensa um paiz inteiro que bem diz a hora em que elles tomaram assento nas cadeiras de ministros.

Quando um governo, como o actual, tem d'um lado o apoio da nação que dirige, e do outro o apoio da imprensa liberal estrangeira, não é tão facil de succumbir como a opposição imagina; e então melhor fôra que ella, esquecendo o passado, entrasse agora em nova vida, mas n'uma vida despida d'essas ambições e miserias, que tanto a tem deslustrado.

Com anciedade eram esperadas aqui as noticias do Rio de Janeiro, vindas pelo ultimo paquete. Com referencia ás fallencias, que ultimamente houveram naquella capital, não são ellas nada satisfactorias, vindo portanto augmentar mais a tristeza, que já existia na praça do Porto.

Para se formar uma ideia mais circumstanciada do que digo, dou em seguida algumas noticias, extrahidas das correspondencias do Rio, que dizem respeito ao balanço das casas bancarias exposto na praça:

Montenegro, Lima & C.^a — o primeiro balanço desta casa apresentava de saldo a seu favor 259 contos de rs.; no segundo apresentava um desfalque de 500 contos; e no terceiro o deficit sobe a 800 contos.

Gomes e Filhos — debita os predios e todos os outros valores pelo preço, que os adquiriu, e apresenta um desfalque, sujeito á boa ou má liquidação, de 1:200 contos de réis.

Oliveira & Bello — não appareceu o seu balanço, mas sabe-se que não poderá dar mais de 30 por cento aos seus credores.

Amaral & Pinto — estão nas mesmas circumstancias d'Oliveira & Bello.

Antonio José Alves & C.^a — debita os predios por metade do que lhe custaram (3:700 contos); dá para prejuizo, que possa haver na liquidação, 4:300 contos, deixando ainda assim um saldo a seu favor de 3:000 contos de réis.

A liquidação destas casas bancarias, segundo as mesmas noticias, tinha principiado nos dias 26 e 28 do mez passado.

Os accionistas da sociedade do palacio de crystal reuniram-se em assembleia geral, pela 1 hora da tarde, da passada sexta feira, no edificio da Associação Commercial, para lhe ser presente e discutido o projecto d'estatutos, elaborado por uma commissão para o mesmo fim nomeada, e definitivamente o dia em que deve ter logar a abertura da projectada exposição internacional.

Serviu de presidente o sr. visconde de Pereira Machado, e de secretarios os srs. João Antonio de Miranda Guimarães e Eduardo de Mattos.

O sr. Eduardo Mozer, procedendo á leitura do projecto d'estatutos, por artigos, foram estes approvados, com excepção de dois, 6.^o e 20.^o, que foram alterados em parte.

Foi auctorizada a direcção a sollicitar do governo de Sua Magestade a approvação dos mencionados estatutos.

A mesma assembleia geral resolveu que a abertura da primeira exposição tivesse logar entre os dias 20 e 31 d'agosto do proximo anno.

O sr. Alfredo Allen, incansavel membro da direcção, tambem foi auctorizado a levar ao conhecimento de Sua Magestade El-Rei o senhor D. Fernando a resolução tomada nesta reunião, e ao mesmo tempo lembrar ao governo a promessa por elle feita, não só em relação ao subsidio, mas tambem ao livre transito, pelas alfandegas, dos generos estrangeiros, que concorrerem á exposição.

As obras daquelle magestoso edificio

continuum com actividade, e tem-se feito grandes acquisições no reino de Flora, destinadas a abrihantar o mais possivel os jardins do palacio destinado aos dois ramos mais importantes de Portugal — o da industria e o da agricultura.

Continua o mau serviço dos caminhos de ferro do sul. E' mais que palpavel a pouca ou nenhuma utilidade, que d'elles temos gozado ha pouco mais d'um anno.

Não é possivel aturar-se isto por mais tempo, porque são immensos os prejuizos, que tem causado ao commercio e ao publico em geral.

Torna-se necessario que o sr. ministro das obras publicas acabe por uma vez com similhantes irregularidades, remedando d'alguma fôrma este mal, que a continuar assim, não sabemos de que servem entre nós os caminhos de ferro.

Toda a semana o comboio especial do correio tem chegado aqui com horas d'atrazo; na terça feira chegou ás 2 horas da tarde; na quarta ás 5 e meia; e nos dias seguintes das 8 e meia ás 9 horas da manhã.

Vejam os amigos se isto se pode sofrer. Quando estes casos se dão agora, que fará no rigor do inverno; para então escusamos de contar com caminhos de ferro. O serviço da mala posta era melhor e mais pontual.

O sr. João Christo-tomo, que tão recto foi para com duas companhias de Lisboa, a das aguas e a União Mercantil, deve-o ser tambem para com a empresa Salamanca, obrigando-a a cumprir o contracto ou então a rescindir-l'ho acabando-se assim com este estado lastimoso das nossas vias ferreas.

Na classificacão dos candidatos nos logares de conservadores do registo hypothecario e seus ajudantes, de Lisboa e Porto, cujo concurso teve logar na quinta feira, na capital, foi approvado nos primeiros o sr. dr. José Luciano Simões de Carvalho, um dos proprietarios do «Diario Mercantil» e cavalheiro muito digno de occupar o logar para que foi escolhido.

O sr. Eduardo Chamigo, acreditado negociante desta praça, foi nomeado vice-consul da Grecia no Porto.

O sr. Fernando Maria Pereira dos Santos Junior, filho segundo do sr. barão de Fornellos, foi agraciado com o titulo de Villa-verde.

Já partiu para a capital o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth e sua exm.^a esposa, que vieram a esta cidade assistir ao casamento do seu sobrinho Francisco Maria de Sousa Nazareth, com a exm.^a sr.^a D. Elysa da Silva Araujo, filha do sr. Luiz Domingues da Silva Araujo.

— O seguro mutuo de vidas, fundado pelo banco União, contava até 31 de outubro findo, 6:801 subscriptores, para um capital de 2.486:290\$000 rs.

Pela barra do Porto exportaram-se no mez findo, 1,695,566,00 litros de vinhos de primeira qualidade.

Na segunda feira passada, anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei o senhor D. Luiz I, concluiu-se em Arnoza de Pampelido, nas praias do Mindello, o monumento commemorativo do desembarque ali do exercito libertador em 8 de julho de 1832, á frente do qual veio o libertador de Portugal D. Pedro IV. Excede a 25 metros a altura do mesmo monumento.

O prestigiador Velle, tem sido muito applaudido nos seus trabalhos de prestigiação, que executa com toda a mestria, principalmente o que toca a empalmacão, na qual é um dos melhores feiteiros, que aqui tem vindo. Mr. Velle dá na terça feira, em S. João, um espectáculo em beneficio do monumento erigido pelos artistas portuenses ao senhor D. Pedro V, de saudosa memoria, na praça da Batalha; e na quinta feira tenciona apresentar os espectros luminosos, que foram muito applaudidos na capital.

O sr. general Taborda, commandante da quarta divisão militar, que tem estado gravemente enfermo, é esperado a todos os momentos nesta cidade, de passagem para Lisboa. S. ex.^a foi substituido naquelle commando pelo sr. Cruz, commandante que foi do 14 d'infanteria, e ultimamente governador da praça de Valença.

Na casa da sr.^a viuva Moré, á praça

de D. Pedro, acaba de pôr-se á venda um delicado volume de perto de 400 paginas, contendo os sermões do sr. José Gregorio Lopes da Camara Siuval, ha annos fallecido, e que tanta falta fez á escola medico-cirurgica do Porto, onde era lente da cadeira de partos. O mesmo volume contém uma introdução escripta pelo primeiro romancista de Portugal o sr. Camillo Castello Branco.

Segundo uma correspondencia particular de Ponte do Lima, a colheita dos milhos estava ali quasi toda concluida, mas segundo o dizer dos lavradores a producção é muito inferior á do anno passado, havendo terras, que não chegaram a produzir um terço do que produziram os annos antecedentes. A producção do vinho tambem foi menor á de 1863, com a differença, porém, de ser muito melhor, pagando-se a pipa a 30\$000 rs. e mais.

As ultimas noticias da Regoa dão ali em apathia o mercado dos vinhos, não havendo esperanças de melhorar, attenta a elevação da cifra do arrolamento. O estado das guias e aguardente era o mesmo, e a baga não tinha sabido.

O rendimento da alfandega desta cidade, no mez que findou, foi de réis 204:702\$647.

C. S.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios da fazenda

SECRETARIA D'ESTADO

2.^a Repartição

Relação dos despachos effectuados no mez de setembro de 1864 nos dias abaixo indicados

- 2 João José Lucio — nomeado para o logar de sollicitador da fazenda nacional na comarca de Tavira, vago pela transferencia de José Francisco Travessos Neves.
- 3 Carlos Pereira da Silva — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pelo fallecimento de Olympio Ferreira de Almeida.
- 4 José Antonio Pereira Camizão — exonerado, pelo haver pedido, do logar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de S. Pedro do Sul.
- 5 Francisco Telles Sampaio — transferido de escripturario de fazenda no concelho de Fragoas, para identico emprego no concelho de S. Pedro do Sul, vago pela exoneracão de Roque Landeiro Camizão.
- 6 Agostinho José da Fonseca — transferido de escripturario de fazenda no concelho de Penedono para identico emprego no concelho de Fragoas, vago pela transferencia do antecedente.
- 7 José Augusto Freire de Andrade — transferido de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Oliveira do Hospital para identico emprego no concelho de S. Pedro do Sul, vago pela exoneracão de José Antonio Pereira Camizão.
- 8 Antonio Bento Gomes — transferido de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Tabua para identico emprego pela transferencia do antecedente.
- 9 Alexandre Severo Coelho Fortes — nomeado para o logar de aspirante de segunda classe da repartição de fazenda do districto de Vizeu, vago pela transferencia de Antonio Pinto de Carvalho.
- 10 Maximiano Ignacio Gomes — nomeado para o logar de continuo da repartição de fazenda do districto de Santarem, vago pelo fallecimento de Francisco de Paula Xavier de Castro.
- 11 João Henriques Serrão Diniz Coelho de Sampaio — transferido de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Mira para identico emprego no concelho de Montemor o Velho, vago pela exoneracão de Joaquim de Aquino de Sousa Gomes.
- 12 João Manuel de Castro — nomeado para o logar de guarda da alfandega de

- Lisboa, vago pela aposentação de Antonio de Moura.
- 8 João Alfredo de Moraes, guarda a cavallo do posto fiscal da foz do Arelho, dependente da alfandega de S. Martinho — approvada a suspensão que lhe foi imposta pelo sub-director da alfandega, por não ter cavallo em que faça serviço.
- 12 José Joaquim Pinheiro Guimarães — exonerado, pelo haver pedido, do lugar de escrivão de fazenda no concelho de Marco de Canavezes.
- Joaquim Pereira dos Santos, que foi escrivão de fazenda nos concelhos de Setúbal e de Gouvêa — nomeado para o lugar de escrivão de fazenda, no concelho de Marco de Canavezes, vago por exoneração do antecedente.
- 16 José Luiz da Pena — nomeado para um lugar de guarda a pé supranumerario da fiscalização das alfandegas do circulo de Valença.
- Francisco Antonio de Sousa Pereira — exonerado do lugar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Penafiel, de que desistiu.
- João José Nicolau das Doreas — nomeado definitivamente para o lugar de guarda de bordo da alfandega de Tavira, que exercia por nomeação temporaria.
- 17 José Joaquim Fernandes — nomeado para o lugar de guarda a pé supranumerario da fiscalização das alfandegas do circulo de Valença, vago pela exoneração de Alfredo Machado.
- José João Dantas — nomeado para o lugar de guarda a pé supranumerario da fiscalização das alfandegas do circulo de Valença, vago pela exoneração de João Pinho da Costa.
- Antonio Guerreiro Candeias — nomeado para o lugar de guarda a cavallo supranumerario da fiscalização das alfandegas do circulo de Mertola, vago pela transferencia de Manuel de Sousa.
- Antonio Dias Teixeira — nomeado para o lugar de guarda a pé supranumerario da fiscalização das alfandegas do circulo de Bragança, vago pelo fallecimento de Antonio Emilio Alves.
- 19 Carlos Pereira da Silva — exonerado do lugar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, de que desistiu.
- Frederico Augusto de Albuquerque Rebello — nomeado para o lugar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela exoneração do antecedente.

VARIEDADES

Extractamos do jornal a «Justiça» o seguinte:

*Danti mihi sapientiam
dabo gloriam.*

Colsas de Agueda

III

Acabalando-se a toda a casta de maldades, com que afundou em um pélagos de calamidades o nosso infeliz concelho naquella tempo, infundindo-lhe o pavôr de outros males, tão excessivamente exagerados, que adormeceu como em profunda lethargia por espaço de 14 annos, sem que durante este tempo retumbasse um brado animador, que o despertasse.

A hora tremenda da sua expiação souu a final; e a vingança, lampijando por entre as trevas das suas maldades, com que sustentava a sua impunidade, esmagando-nos sob o peso das suas oppresões, reduziu-o á importancia, para que a natureza fada os individuos, que se lixongeiun com os instinctos dos que povoam as selvas da Lybia e da Scithia.

Só lhe resta o seu bravejar, para vêr se consegue arrastar por terra as melhores reputações; mas não lhe será isso possível. Foi arremessado para o pó da sua nullidade, onde repousará, talvez, para sempre; e por mais que se cance para segurar com as suas imposturas o imperio, que desabou, apenas verá em resultado de tão nefandas lidas redemoinhar por sobre o sorvedoiro dos reprobos o seu esquiife.

O concelho de Agueda estava farto de tantas tyrannias, que o atassalharam. Os corações dos seus habitantes já não podiam palpitar de apertados no negro manto da tristeza, que o envolvia.

Robustas e poderosas intelligencias hastearam o pendão da liberdade e patriotismo, polos de elevação e grandesa, e proclamaram ao povo a sua independencia, ao povo, a que já se não sentia o buiter do coração e o movimento dos pulmões.

Aquelle grito ingente, poderoso e sublime, como o pensamento, que o precedeu, reboou por todos os angulos do concelho.

O povo, prostrado e abatido pelo maior dos terrores, que o despotismo de quatorze annos lhe introduzira, traspassando-lhe a medula dos ossos, permaneceu ainda algum tempo hirto e immovel, como estatua collossal, pregada em alteroso rochedo.

Era um espectáculo doloroso e afflictivo presenciar transformados n'um cadaver os descendentes dos povos heroes da opulenta e poderosa Hymínio dos tempos romanos!

E' que uma horribilissima morte moral tinha-lhes gelado todos os sentimentos. Era preciso que um segundo grito de emancipação ecchoasse, e esse grito não se fez esperar.

Era preciso que uma intelligencia provada rompesse a escuridão da agonia, que o amarrara ás vascas de uma morte moral, essa intelligencia amanheceu com intenso fulgôr.

O povo todo, ferido de um toque electrico, erguen-se do tormento atroz, em que estava immerso, e o sangue, que lhe gotejava por todos os poros, cessou de manar; e o martyrio, que o despedaçava, desapareceu.

A sua regeneração, foi a unica idea, que logo lhe substituiu a do longo soffrimento, em que se revolvia, como se fôra preceito. O aniquilamento do governo do seu tiranno foi o unico pensamento, que lhe povoou o grande vacuo da sua alma.

Já se não occupava, senão de solidificar em bases perduraveis a sua regeneração. Era a mais grata consolação que o affagava. Era a mais poderosa força, que o impulsionou a quebrar os sellos da morte moral, em que tanto tempo se estorceu, como em eculeo candente.

IV

Apenas surgiu a aurora por de traz dos topos, arrendilhados de penedias toscas, das serras, que se erguem imponentes e magestosas, a leste da capital do concelho, no dia 29 de novembro de 1863, vestindo a abobada dos céus de um manto reputado das mais variegadas cores, começaram logo a ferver as portas das casas dos logares, de que se compõem as freguezias deste concelho, grupos d'eleitores, que s'encorporavam com outros muitos, firmando assim ondas fluctuantes, que se baldeavam pelos caminhos, correndo para a urna á senhallaça de caudaloso rio, que, referendo em cachoeiras por apertado leito, vai engrossando as suas torrentes com as dos corrêgos, que se despeñham em catadupas pelas gargantas das serras escarpadas, até chegar ao mar.

Era um espectáculo imponente e magestoso!

Era a salvação da patria, que subjogava a mente de toda essa briosa e heroica gente!

Era a felicidade e esperança que a impellia para esmagar na urna a oppressão que por tanto tempo a dilacerára.

V

Qual crepusculo matutino, que é apagado pelo dourado fulgôr do sol, quando se eleva no horizonte, povoando os céos arqueados de esplendorosa luz, tal desapareceu o amortecido poderio do agonizante partido faccioso, que se debatia por entre os seus ultimos esforços, bruxuleando, como phosphorescencia mortica e indubia, que vagueia por entre cerrado e denso nevoeiro, no occaso da sua perdição.

Graças ao admiravel triumpho, que o partido da regeneração soube alcançar na urna, o qual ficará desenhado como eterna recordação, nos habitantes de todo o concelho de Agueda; porque lhes cons-

tituio o seu maior consolo, por que foi a primeira garantia da sua emancipação, porque foi o elo, que o soldou a um risoiho futuro, porque foi, enfim, um dia de gloria immensa, no qual foram abençoadas todas as sues mais justas aspirações.

Foi um dia grande, um dia, que se pultou para sempre o despotismo; porque da urna surgiu o triumpho de uma camara, que foi o anjo da esperança e da salvação, que lhe apregoou um feliz destino. Mas o despotismo, com quanto se confrangesse no accesso da maior raiva, com quanto no seu coração se erguesse a voz da consciencia, que lhe segredava a maldição, que o concelho lhe lançára, e com quanto, enfim redemoinhasse por sobre a voragem do seu nada, como a espuma em roda dos olheirões de agua, não emmudeceu nunca.

A eleição da nova camara não lhe provou a sua eterna condemnação.

Reagiu sempre contra tudo por mais justo e santo, que fosse.

Viu transmulada a sua existencia politica em passageiras sombras, que se balouçavam em torno d'elle, e não deixou de tentar novos esforços, conquistando no espaço imperios ideas, que na terra não podia haver.

Viu que se tinha convertido n'um phantasma, a quem a moral publica voltava as costas, e de seus labios lividos e amarelentados, como os de um cadaver, não deixaram nunca de transpirar o perjuizo, nem a maldade, nem a dobrez, nem a infamia, vendendo-se a toda a casta de excessos, como as mulheres de Babilonia nas praças publicas.

Sabia que o vulto idolatra, que o terror panico lhe fazia prestar, tinha sido subvertido pelo partido da regeneração do concelho, derribando o altar e o idolo, como os godos, quando despedaçaram as imagens sacrilegas de Odin e de Fieda, para as substituir ás sacrosantas de Jesus Christo, e não deixava de imaginar visões de esperança.

Tal é a repugnancia, que o despotismo tem sempre em se deixar desalojar do seu incomportavel predominio.

(Continua.)

NOTICIARIO

Será de nome? — Do nosso illustre collega da «Gazeta de Portugal»: Ao mesmo tempo que em Londres Frantz Muller era condemnado á morte, como convencido de assassino de Briggs, dentro de uma carruagem do caminho de ferro, estava sendo julgada em Berne, Sophia Izabel Muller indiciada no crime de envenenamento de seu marido.

Desastre. — (Idem.) Em Newhagen, Connecticut, um comboio do caminho de ferro que no dia 15 de outubro ultimo levava seis wagons de passageiros, entre estes 265 soldados, doentes e feridos que se dirigiam a Reedville, desencarrillou por se ter partido um carril, e foi parar de encontro a uma muralha. As carruagens ficaram feitas em pedaços. O numero de mortos passou de doze e os feridos gravemente foram mais de quarenta.

Casino lisbonense. — (Idem.) Acabamos de assistir ao primeiro concerto dado no Casino lisbonense, antigo Café concerto, pelos musicos francezes. A sala esteve bastante concorrida e o publico applaudiu os artistas, que na realidade tem bastante merecimento.

As pegas «Le sausounet», variações executadas no flautim por mr. Martin, «Romance de l'Eclair e Berceuse» arrancaram entusiasticos applausos.

Circo de Price. — (Idem.) Amanhã verificar-se-ha no circo de Price o beneficio do sr. Miguel da Fonseca, prestigiador portuguez, cujo merecimento o publico tem tido por mais de uma vez occasião de reconhecer.

O beneficiado é digno de protecção como artista de bastante habilidade, o espectáculo é convidativo; estes motivos fazem-nos crer que amanhã será grande a concurrencia no circo de Price.

O divertimento, para o qual o sr. Miguel da Fonseca convida o publico, compõe-se do seguinte:

Primeira parte. — 1.º symphonia. — 2.º o café italiano. — 3.º uma surpresa. —

4.º os objectos volantes. — 5.º a cadeira electrica. — 6.º o ovo chinez. — 7.º a carta geral. — 8.º a garrafa e os lenços.

Segunda parte. — 1.º symphonia. — 2.º a pesca secreta. — 3.º Quatro não fazem senão um. — 4.º um improviso. — 5.º as flores maravilhosas. — 6.º um engano. — 7.º o avaro fantastico. — 8.º o chapéo do diabo.

Terceira parte. — A distribuição de vinte magnificos presentes, sendo os cinco ultimos:

Um bonito relojo dourado para cima de mesa.

Um serviço para chá.

Um magnifico orgão de mogno.

Um relojo para algibeira e cadeia.

Uma peça surprehendente.

A sociedade philarmonica «Prazer o Constancia» generosamente se prestará a abrilhantar o espectáculo executando algumas peças de musica.

O circo estará elegantemente guarnecido de vasos e flores.

Seguros mutuos. — Diz o «Comercio do Porto»: O numero das subscrições de seguros mutuos do Banco União era em 31 de outubro ultimo de 6:801, representando um capital de réis 2.486:290\$000.

O numero de subscrições da sociedade Providente — era em 31 de outubro ultimo de 485, representando um capital de 246:499\$000 rs.

O Banco União começou as suas operações de seguros em janeiro e a Providente em agosto do corrente anno.

O nosso correspondente da capital dá-nos as seguintes notícias:

«O embaixador d'Italia que aqui se acha chama-se — *Talha Carne*, e o seu secretario — *Faz-se a cova*».

Um medico disse no pago, ao sr. Magalhães Coutinho, que o nome do embaixador estava mais proprio para um cirurgião. — O sr. Magalhães Coutinho respondeu — «E o do secretario para um medico».

«O parochio de uma freguezia proximo desta capital, n'um dos domingos passados, celebrando a missa conventual, volta-se, depois do *lavabo*, para os parochianos e diz:

«Quem quizer comprar vasilhas, toneis, balseiros... balseiros, não, gamellas, funis, escadas etc. dirija-se á quinta que foi do *Bavnetta*, á quinta ao pé da quinta do Outeiro, quero dizer á quinta do Pênco. Lá encontrarão todos os utensilios pertencentes a uma adéga».

E deram ordens a um alvar destes? — Santo Deus!

Agradecimento. — Recebemos um opusculo com o titulo — «Jesus Christo.» Considerações familiares sobre a Pessoa, vida e mysterio de Christo — por mr. de Segur.

Agradecemos muito o offerecimento.

Desordem. — No domingo ali para a Vera Cruz, por causa d'umas partilhas de bens, Joaquim Rodrigues bateu em seu pae Antonio Rodrigues, lavrador de Sá, obstando a que a cousa não fosse a mais, um outro seu filho por nome José Rodrigues. Houve bastante sôco entre os dois irmãos, e o desalmado Joaquim disse: que picava o pobre velho, e que não tinha medo d'ir, ainda que fosse para o inferno, que o mundo era grande.

O pae já bastante adiantado em idade, deu-lhe com o pau, a que anda encostado, e rachou-lhe um beigo; jurando o filho, depois de muitas imprecções, chamando tratante e ladrão ao pae, que o havia de matar e ao irmão.

Durot esta desordem algumas horas n'uma taverna.

Eis o que acontece a um pobre pae, que leva tanto trabalho a crear um filho, para depois de creado receber a paga deste serviço. Dizia o pobre velho: «fazes-me tu isto, porque estou velho, e de mais a mais doente é manco».

O filho José portou-se bem, pois defendeu seu pae de mais aggressões do desnaturado irmão, do que poderiam resultar funestas consequencias!

Bom filho!!!

Archivo Pittoreseo. — Recebemos o n.º 33 do tomo VII deste interessantissimo semanario, contendo:

Uma gravura, representando a «Ponte de Canavezes sobre o Tamega», por

B. Lima e Pedroso, com um artigo, por I. de Vilhena Barbosa.

«Regina» (episodio das confidencias), por M. Pinheiro Chagas.

«Exposição nacional d'agricultura», (continuação) por J. J. de Sousa Telles.

Outra gravura de B. Lima e Pedroso, representando a «Egreja de Nossa Senhora do Monte na cidade do Funchal», com um artigo, por I. de Vilhena Barbosa.

«Leitura para as escolas».

«Palacio real de Cintra» (continuação), por I. de Vilhena Barbosa.

Chronica dos Theatros. — Recebemos o n.º 19 deste hebdomadario, unico no seu genero: contém:

«Real Theatro de S. Carlos.»

«Theatro de D. Maria II», por M.

«Theatro da rua dos Condes», por J. B. d'Araujo Assis.

«Necrologio», por J. M. Pereira Rodrigues, á exm.ª condessa de Paraty.

«Mosaico».

«Feuilleton», por Louis Sauvages.

Boudoir. — Recebemos o n.º 43 deste mui lido e interessante semanario, e contém os seguintes artigos:

«Vinte e nove d'outubro». Felicitação a S. M. o senhor D. Fernando II, pelos redactores.

«Beneficio de Manuella Rey», por Pedro Videira.

«Recordação», poesia, por D. Clotilde de C. Miranda.

«Pezame», pelos redactores ao sr. conde de Paraty.

«Uma barraca na feira da ladra», por Luiz d'Araujo (continuação).

«Perguntas innocentes»

«Problemas» por M. A. C.

«Revista dos Theatros».

«Folhetim (continuação) por L. d'Araujo».

«Petit phantasie» para piano.

Revista Contemporanea. — Publicou-se o n.º 7 do quinto anno, que recebemos, contendo os seguintes artigos:

«D. Pedro IV», esboço biographia, por L. A. Palmeirim.

«Maria Pratas», (lenda da Beira), por Osorio de Vasconcellos.

«Dois Livros», por Pinheiro Chagas.

«Sonho de uma noite de verão», poesia, por E. A. Vidal.

«Chronica scientifica», por J. d'Andrade Corvo.

«Chronica do mez», por Julio Cesar Machado.

Acompanha este numero o retrato de «S. M. I. o senhor D. Pedro IV, duque de Bragança», gravado pelo sr. Sousa, professor da Academia real das sciencias.

Expediente. — Para darmos lugar ao artigo «Eleições de Vagos», retiramos o nosso artigo de fundo.

Tambem por falta d'espaco não damos hoje publicidade a uma carta, que nos dirigiu o sr. José Telles Caldeira, chefe da estação do caminho de ferro desta cidade, o que faremos no immediato numero.

Do mesmo modo se publicarão os artigos e diversas materias, que nos enviaram.

Sempre velo!! — No sabbado houve tanta sardinha na costa de S. Jacintho, que os pescadores não a poderam trazer toda, ficando na areia a maior parte, para conduzirem no dia seguinte.

Houve tambem bastante pescada, cousa rara no nosso mercado, corvinas, araias, ruiuos, e peixe gallo.

Comtudo, a pescada conserva preços altos.

Peixe meudo continúa a haver abundancia.

O caminho de ferro. — E' a ordem do dia: os jornaes de todas as côres politicas occupam-se deste importante assumpto, enchendo os noticiarios de atrazos, artigos contra a companhia, e pedindo providencias ao governo.

E' assim que estamos, e todos os dias se repetem descuidos, que algum dia haremos de lamentar.

E' caso serio porque depende da vida e fortuna de muitas pessoas.

Partida. — Partiu hontem no comboyo da manhã para Lisboa o exm.º conselheiro J. Luciano de Castro.

Exercício. — Hontem o destacamento estacionado nesta cidade foi exercitar-se, em fórma de marcha, para o campo dos Sanctos Martyres, pela uma

hora da tarde, demorando-se até ás duas e meia.

O local foi mal escolhido, pois que o campo está muito mau, por causa dos carros do moligo.

CORREIO

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 7 de novembro.

A politica continúa em calmaria, mas não cessaram de todo os boatos, e sobre tudo os insultos e as verrinas contra o gabinete cada dia augmentam de vigor. Como especimen de boa linguagem escreve hontem a «Revolução» o seguinte:

«Os cavalheiros em cujo coração não foi ainda extinto o sentimento da virtude, abandonam uma seita de depravados, que tudo inquina e tudo deshonra, e vêm engrossar as fileiras da opposição limpa d'aquellas pustulas (!) que enfeciona trinta situações tão fortes como fraca e immoral é a que vão passando.» Diga-se francamente, os que assim escrevem ou mandam escrever não fazem mais que attribuir aos seus contrarios os seus proprios defeitos! Melhor fôra que se abstivessem destes desregramentos, sendo a opposição a primeira a lucrar com isso.

Quanto ás deserções dos amigos da situação que ainda conservam o sentimento da virtude, indo engrossar as fileiras da situação, têm succedido tanto á socapa e em segredo, que ninguem sabe quem sejam os rebeldes. Provavelmente só apparecem em janeiro no parlamento com a cara descoberta! Esperemos para então.

Tambem os ministros são intimados para largar o poder—por ter caído a trincheira do caminho de ferro entre Taveiro e Arzila. Com sobrada razão diz a «Gazeta» — que se a cada transtorno inevitavel se demittissem os gabinetes dos Estados da Europa onde esses accidentes succedem amudadas vezes, não haveria pessoal para tanta mudança, mesmo por que não deviam voltar ao poder os homens d'estado em cujo ministerio tivessem havido irregularidades nos caminhos de ferro.

Exijam-se providencias do sr. ministro das obras publicas, mas pedir a demissão do governo por que caiu uma trincheira, é simplesmente ridiculo.

Nos nossos caminhos de ferro felizmente não tem havido victimas, convem porém obrigar a empresa a pôr as linhas ferreas em boas condições para que não tenhamos de lamentar desgraças, e até por que nós pagamos para termos bons caminhos de ferro.

Sei que o sr. João Chrysostomo tomou a peito este negocio, e que as providencias se não farão esperar.

O «Jornal do Commercio» diz que o sr. duque de Loulé sabe do ministerio, e que os parciaes do sr. Lobo d'Avila pretendem elevar á presidencia do conselho o sr. Passos, entrando para ministro da guerra o sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila.

Chegou a isto aquelle jornal. Em vez de «Jornal do Commercio», com mais propriedade podiamos chamar-lhe — Jornal de Boatos Falsos — Nestes mexericos anda o dêdo do impagavel sr. Sette, amigo do sr. José da Costa.

Alguns concorrentes nos logares de conservadores de hypothecas julgam injusta a classificação do jury. O sr. dr. Macario de Sousa Pinto Cardoso, appellou para o tribunal da opinião publica, requerendo para serem publicadas as provas escriptas no concurso.

Asseguram-me que o sr. Antonio de Sá Nogueira, irmão do sr. marquez de Sá da Bandeira, va ser nomeado conselheiro d'estado extraordinario.

Ouvi que os srs. Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro e Cau da Costa, irão brevemente ao Porto, e que o sr. visconde de Lagoaça lhe prepara uma estrondosa recepção. O peor é que o sr. Fontes não pôde esquecer que o Porto o não quiz para seu representante! Enfim, que tenham feliz viagem e que se divirtam.

Parece que o banco Ultramarino não resiste á sua triste sorte, com bem magoa do sr. Chamiço, que perde 3:600\$ réis por anno, que é quanto receberia como governador geral do banco. Tem aqui andado a bater a todas as portas a vêr se conseguiam subscriptores para supprir a falta dos do Porto, mas parece que não têm sido felizes nestas diligencias.

Pena é que por causa dos caprichos e ambição de poucos homens, não vá por diante um estabelecimento, do qual se esperavam tantos beneficios para as nossas colonias.

EDITAES

Francisco Antonio do Valle Guimarães, administrador interino deste concelho d'Aveiro etc.

Faço saber, que tendo findado os trez annos do arrendamento da cêrca de S. Domingos desta cidade, e devendo proceder-se a novo arrendamento, vaé por isso abrir-se praça para este fim, sendo o 1.º dia de praça o dia 10, e o 2.º o dia 13 do corrente mez, em que se ha de verificar definitivamente esta arrematação, entregando-se a quem maior laço offerecer por outros trez annos. A praça abrir-se-ha á porta dos paços deste concelho pelas 9 horas da manhã dos indicados dias.

E para que couste o referido, mandei passar, affixar e publicar este edital e outros do mesmo teor.

Administração do concelho d'Aveiro, 5 de novembro de 1864. — E eu José Ferreira Correia de Souza, escrivão que o subscrevi.

Francisco Antonio do Valle Guimarães.

Francisco Antonio da Costa Guimarães, recebedor da comarca de Aveiro etc.

Faço saber, que tendo-me sido entregues pelo escrivão da fazenda do concelho de Aveiro os conhecimentos para a cobrança da contribuição industrial — pessoal, e decima de juros relativa ao anno civil de 1864 se acha aberto o cofre para a recepção por espaco de 60 dias, que começam no dia 8 de novembro do corrente mez, na minha morada na rua dos Mercadores desta cidade.

Findo o mesmo prazo, ficam desde logo os contribuintes, que não pagarem á bocca do cofre, sujeitos ao pagamento de tres por cento sobre suas collectas, applicados para a fazenda nacional; e em seguida serão avisados pessoalmente para pagarem no prazo que lhes for marcado etc.; findo o qual serão relaxados administrativamente.

Recebedoria da comarca d'Aveiro, em 1 de novembro de 1864.

Francisco Antonio da Costa Guimarães.

ANNUNCIOS

AVISO

A direcção da Associação Aveirense de Socorros mutuos das classes laboriozas, desejando commemorar o anniversario da morte do senhor **D. Pedro V**, o amigo e protector dos que trabalham, resolveu mandar dizer uma missa no dia 11 do corrente, pelas 9 horas da manhã, na igreja do mosteiro de Jesus.

São convidados por este aviso todos os associados para assistirem a este acto, e bem assim todas as pessoas que desejarem suffragar a alma do Rei muito amado. Aveiro, 4 de novembro de 1864.

O secretario

Francisco Emilio da Luz e Costa.

No inventario a que se procede por morte de Manuel Valente, do lugar de Sarrazolla, se ha de rematlar no dia 13 de novembro de 1864, na salla do tribunal deste juizo pelas 10 horas da manhã; a propriedade seguinte:

Uma leira de terra, sita no Salvado que leva de semiadura tres quartas, parte do nascente com Manuel Nunes, e do poente com Manuel José de Pinho; que se acha avaliada em 35\$000 réis. — Escrivão Moraes. 3

D. Candida Augusta Freire, de Aveiro, tendo noticia que Joaquim,

por alcunha — Escudeleiro, do Fial, concelho de Albergaria pretende vender nm predio proximo a uma azenha e terras da annunciante, no dito lugar, previne a toda e qualquer pessoa que pretenda comprar, — que no dito predio do vendedor ha uma porção que elle tem tomado ao predio da annunciante, a qual vaé usar das acções competentes para lhe ser restituída a parte usurpada. 2



RIO GRANDE DO SUL

A nova barca **LUIZA**, capitão Joaquim Adrião da Silva. 6



BAHIA

A barca **BAHIANA**, capitão José dos Santos Lessa Junior. 6



PARÁ

O novo brige **MARQUEZ DE** 6

SANTA CLARA, capitão Zacarias Balthazar Couto. 6

Estes navios sahirão com toda abrevidade. Para carga e passageiros, tendo para estes excellentes commodos, tracta-se com Joaquim Lourenço Alves, rua da Reboleira n.º 19 Porto.



PARA O RIO GRANDE DO SUL

A BARCA

PAQUETE DO RIO GRANDE

Forrada e pregada a cobre

Sahirá com muita brevidade.

por ter o seu carregamento prompto. Recebe passageiros a pagar n'este ou n'aquelle porto, e para os quaes offerece seus excellentes commodos e bom tratamento. Trata-se com o caixa Carlos Brandão, rua das Taipas n.º 29.